

HOMENAGEM À PROFESSORA MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

Maria Helena Rocha Antuniassi*

No dia 21 de junho de 2006, o CRBC – Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain da École des Hautes Études em Sciences Sociales, MSH –Maison des Sciences de l’Homme em Paris, realizou uma homenagem à Profa. Doutora Maria Isaura Pereira de Queiroz, professora emérita da Universidade de São Paulo por ocasião do lançamento do livro “*Seigneurs ruraux et pouvoir local dans la vie politique brésilienne*” editado pela MSH – Maison des Sciences de l’Homme em Paris. “O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios” complementada especialmente para um público não brasileiro e traduzido por ela com a colaboração do Prof. Dr. François Bonvin. Tive a honra e o prazer de ser convidada pelo CRBC para comparecer ao evento e pronunciar algumas palavras sobre a obra e a pessoa da homenageada. Considerei uma grande responsabilidade passar, dar uma idéia, para os participantes, entre eles, alguns brasileiros e antigos estudantes seus, dos cursos por ela ministrados no Institut des Hautes Études d’Amérique Latine, do respeito a sua obra e o carinho que nos, do CERU dedicamos a nossa mestra. Estas são as palavras que eu pronunciei na ocasião, colocando toda a minha emoção, de estar naquela casa, onde fui introduzida exatamente pelas suas mãos.

Inicialmente quero agradecer ao CRBC – Centre de Recherches sur le Brésil Contemporain – pelo convite para participar desta reunião pela oportunidade que ela me dá de falar sobre a professora Maria Isaura Pereira de Queiroz, minha querida mestra com quem tive o prazer de colaborar durante anos. Maria Isaura foi a grande incentivadora da minha carreira acadêmica, ela acreditava na minha capacidade de trabalho e eu procurava corresponder as suas expectativas.

A mestra (como ela é chamada carinhosamente pela equipe do CERU), nasceu em São Paulo em 1918. Obteve a licenciatura em Ciências Sociais em 1949 na FFLCH, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Em 1956 apresentou a 6ª seção da École Pratique des Hautes Études, sua tese “La Guerre Sainte au Brésil: mouvement messianique du Contestado” tendo como membros do júri grandes cientistas sociais amplamente conhecidos entre nós: Roger Bastide (orientador) Levi-Strauss et Gabriel lê Brás.

A partir desse momento estreitou contato com diversas universidades européias, Alemanha, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Itália, Portugal e sobretudo na França onde por diversas vezes foi convidada a ensinar no Institut des Hautes Études d’Amérique Latine. Deste modo, não é por acaso que seus livros e numerosos artigos foram traduzidos em inúmeras línguas francêss,

inglês, italiano espanhol e até em árabe. Maria Isaura estabeleceu com as universidades européias um freqüente e frutuoso intercambio seja convidando seus colegas europeus e de outros países para dialogar conosco aqui no Brasil como enviando seus estudantes para completar sua formação nessas universidades. Foi assim que tivemos oportunidade de conhecer excelentes pesquisadores como Achim Shirader, Bosi, Desroches e muitos outros. Mediante tais intercâmbios acolheu no CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos – do qual foi a fundadora e grande incentivadora, inúmeros estudantes estrangeiros que vieram fazer suas teses sobre o Brasil.

Maria Isaura considerava que ensino e pesquisa são atividades inseparáveis: razão pela qual dispendeu grande esforços para a criação e consolidação do CERU, instituição sem fins lucrativos voltada para a realização de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, que hoje se tornou um local privilegiado de discussão e troca de idéias entre pesquisadores nacionais e internacionais. Numa época em que o ensino de Ciências Sociais ainda tinha muito de *livresco*, Maria Isaura tinha a ambição, e pode-se dizer que ela conseguiu, estabelecer através do CERU, acordos com diversas instituições estatais, capazes de financiar pesquisas com trabalho de campo para que seus estudantes tivessem a possibilidade de se formar no trabalho de pesquisa empírica. Assim sendo para citar apenas alguns casos, podemos falar sobre os acordos com a CEPLAC, Serviço do Vale do Paraíba, onde com o auxílio dos holandeses havia sido criado os polders cultivados pelos pequenos agricultores da região, com o Serviço do Vale do Ribeira, instituição criada pelo governo do Estado, com o objetivo de alavancar o desenvolvimento agrícola dessa região de pequenos agricultores, grande parte descendentes de japoneses cultivando chá, como seus antepassados. Cabe ressaltar ainda os acordos assinados com a Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, para analisar do ponto de vista das Ciências Sociais os dados produzidos para previsão de safra e mais tarde com a ELETROPAULO por ocasião da eletrificação das favelas no município de São Paulo e tantas outras instituições.

Maria Isaura foi de fato uma intelectual engajada, militante na causa por todos abraçada, a democratização do país. Neste caso, o CERU uma de suas “invenções” teve um papel relevante. A partir do golpe de estado de março de 1964, o centro de pesquisa que ela acabara de criar, em fevereiro, juntamente com seus colegas do antigo departamento de Ciências Sociais, tornou-se um pólo de resistência às tentativas do governo autoritário de exercer sua influência na vida universitária. A situação do CERU tornou-se privilegiada na medida em que, funcionava no interior da universidade sem fazer parte da estrutura universitária. Foi assim que em 1977, o CERU teve a possibilidade de se tornar uma das instituições chaves da participação dos

* Professora Titular da UNESP; Diretora Presidente do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – NAP/CERU.

cientistas sociais na realização da histórica reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) boicotada pelo regime militar e finalmente realizada na PUC de São Paulo.

Maria Isaura esteve sempre ao lado das sociedades científicas como a SBPC da qual ela foi conselheira por mais de um mandato, a ANPOCS onde ela foi uma das organizadoras do grupo de estudos sobre a cultura, Associação dos Sociólogos do Estado de São Paulo, participando da sua luta pela valorização da profissão e qualidade de ensino das Ciências Sociais.

Sua obra é reconhecida no seio da comunidade científica brasileira mas também além dela. Em 1998, já professora emérita da Universidade de São Paulo, foi a primeira mulher a receber o prêmio Almirante Álvaro Alberto do Ministério da Ciência e Tecnologia atribuído ao Cientista do Ano, prêmio que ela recebeu das mãos do Presidente da República, que era, na época, seu colega Fernando Henrique Cardoso.

Acredito que esses traços biográficos dão uma idéia da personalidade e do papel da Maria Isaura na vida intelectual e acadêmica brasileira para aqueles que não conhecem a sua trajetória.

Eu gostaria agora de falar um pouco da sua obra e da sua relação com seus estudantes, seus orientados. É importante ressaltar que eu não sou uma especialista em grande parte dos domínios em que se situam os seus trabalhos. Entretanto como eu tive a chance de tê-la como professora na graduação e orientadora de mestrado e doutorado e inclusive de ter trabalhado com ela durante vários anos, penso que posso falar sobre a sua maneira de ensinar e pesquisar. Para a Maria Isaura, o trabalho de pesquisa incluía a disciplina de um minucioso levantamento bibliográfico e de trabalho de coleta de dados (a inspiração e a criatividade do trabalho de análise dos dados não caem do céu, vem da disciplina de trabalho, como ela dizia). Depois da coleta de dados, seguia-se um longo processo de sistematização desses dados e elaboração de textos com o objetivo de construir uma explicação sólida apoiada sobre uma constante reflexão teórica e metodológica. O diálogo entre a teoria e prática de pesquisa estava no centro de suas preocupações não só como pesquisadora, mas sobretudo enquanto professora. Muitas de suas obras didáticas estão voltadas para o ensino de métodos e técnicas de pesquisa.

Sabe-se que ela realizou numerosos trabalhos sobre diversos temas como religião, cangaço (banditismo) o carnaval e outros. Meus trabalhos, desenvolvidos sob a sua orientação, tem por base sobretudo pesquisas sobre o campesinato, os sitiantes, os pequenos proprietários rurais e portanto sobre as relações de trabalho na agricultura brasileira e sobre as relações entre o rural e o urbano no Brasil. Esses temas estiveram no centro das pesquisas desenvolvidas por ela e por grande parte de seus orientados por cerca de 30 anos, da década de 1950 à década de 1980 quando ela passa a desenvolver suas pesquisas sobre o carnaval que ela considerava um fenômeno urbano.

Sobre o campesinato, quer dizer, os sitiantes que ela considerava os camponeses brasileiros sua obra merece uma atenção especial, tendo em vista a atualidade de suas análises. Diferentemente da grande maioria dos estudos, realizados na época, seus trabalhos se apoiavam sob amplas pesquisas empíricas que privilegiavam a cultura “caipira”, dimensão muitas vezes ignorada em grande parte dos estudos produzidos na época. Ao analisar fenômenos como a percepção do espaço, a produção simbólica e as relações de poder, ela realizou um conjunto de obras sobre a vida rural, que constitui sem dúvida uma das obras mais inovadoras e estimulantes nas Ciências Sociais brasileiras, o que pode ser constatado ao se analisar alguns de seus trabalhos sobre a sobrevivência de traços da cultura portuguesa como a dança de São Gonçalo, as penitências, o bumba meu boi, as histórias de Carlos Magno onde ela mostra que se constituem em instrumentos de controle difuso do comportamento desses grupos sociais.

É importante lembrar que até os anos de 1960 uma grande parte do saber universitário na Sociologia Rural sobre a sociedade brasileira, estava estreitamente ligado aos estudos de tipo survey ou aos estudos de comunidade preocupados em descrever ou descobrir nas comunidades estudadas fatores genéricos de mudança, em que o paradigma era a civilização urbana industrial ligados a teoria da mudança a moda dos trabalhos da Sociologia norte-americana. Quando aparece a importante pesquisa de Antonio Cândido “Os parceiros do Rio Bonito”, Maria Isaura inspirada nessa obra, revoluciona os estudos rurais ao considerar o “bairro rural” como unidade de referência em suas pesquisas ao produzir uma série de estudos sobre a vida rural e a cultura dos sitiantes sobretudo em São Paulo, dando uma nova dimensão aos estudos de Sociologia Rural.

Numa perspectiva histórica introduzida pela noção de relação dialética entre o rural e o urbano, as condições de vida do sitiante no seu habitat não seriam mais estudadas em si mesmas mas como parte de um todo no processo histórico de transformação da sociedade brasileira. Realizados numa perspectiva sincrônica e diacrônica, seus estudos sobre os sitiantes, mostram o mundo rural, em um momento crucial de sua história, isto é, sofrendo o impacto dos processos de industrialização, urbanização e modernização da agricultura. Analisando a região do Sertão de Itapecerica ela mostra como tais processos aliados ao empobrecimento do solo, engendram um processo de diferenciação do campesinato com a pauperização da maior parte dos sitiantes e a desorganização de sua cultura rural confrontada com as transformações da cidade de São Paulo, com a qual mantinha estreitas relações. Ela tinha uma predileção pelos estudos comparativos e assim ela vai mostrar que o que acontecia em Itapecerica não era necessariamente o destino do sitiante. Os estudos realizados numa outra região, o Vale do Paraíba, mais distante de São Paulo, vão mostrar a possibilidade de uma transformação econômica da região sem o abandono da cultura camponesa (a cultura caipira).

Uma preocupação da Maria Isaura atravessa todos os seus estudos sobre o campesinato, o destino dos sitiante forçados a passar de um gênero de vida a um outro com a destruição da sua cultura, de seu rico folclore cuja importância para a coesão do grupo, ela tão bem analisou.

Maria Isaura se situa do lado daqueles cientistas que pensam que a produção do conhecimento nas Ciências Sociais, pode melhorar as relações sociais. Estudando as transformações do modo de vida dos sitiante, tão bem analisada no seu artigo “O sitiante uma categoria rural esquecida” ela comentava “E preciso conhecer seu comportamento, seus valores, a crise que eles atravessam para tornar essa passagem menos amarga”. Para ela, a Sociologia poderia fornecer um conhecimento sobre as diversas circunstâncias históricas vividas pelos sitiante e, assim, favorecer a elaboração de projetos de adaptação de suas instituições diante dos avassaladores processos de mudança da sociedade brasileira. Hoje essa atitude pode parecer ingênua. Entretanto é importante ressaltar que ela formou uma equipe de pesquisadores que ainda hoje, esta disposta a ir a campo, entrar nas favelas, ou passar semanas no Pontal do Paranapanema coletando dados para analisar e compreender a violência presente nas ocupações do movimento dos sem terra ou dos sem tetos. Ou ainda vestir uma fantasia e entrar na folia do carnaval para recolher dados e analisar a organização e a dinâmica das escolas de samba e seus espetaculares desfile.

A atualidade da obra de Maria Isaura é incontestável. Muitos de seus trabalhos tornaram-se leituras obrigatórias para quem pretende estudar a sociedade brasileira atual. Um exemplo disso foi o interesse da Maison des Sciences de l’Homme de publicar recentemente, uma versão do seu livro “O mandonismo local na vida política brasileira e outros ensaios” (1976) revista e ampliada por ela no final dos anos de 1990. Qual é o segredo dessa atualidade? Uma abordagem dos fatos sociais no qual teoria e pesquisa empírica é inseparável. As pesquisas empíricas baseadas em dados qualitativos ou quantitativos recolhidos nas mais diversas fontes, desde os romances de época, as estatísticas oficiais e sobretudo na pesquisa de campo.

O quadro teórico que orienta e esclarece os escritos de Maria Isaura está profundamente ancorado nos clássicos das Ciências Sociais, Marx, Weber, Durkeim. (ela nos deu uma das melhores traduções do clássico “As regras do método sociológico”) incluindo seus mestres como Bastide, e muitos outros. As influências se combinam de tal maneira que sob o pano de fundo de uma visão dialética e de uma perspectiva solidamente ancorada na história, seus conceitos se tornam instrumentos eficazes de percepção e análise dos fatos sociais.

A influência de Marx está presente nos seus trabalhos pela importância que atribui á história como fator de interpretação dos fenômenos sociais, de suas transformações e condicionamentos recíprocos. Ela jamais se deixou enredar em posições dogmáticas ou por concepções mecanicamente deterministas. A polemica objetivismo/subjetivismo que, volta e

meia, reaparece nas discussões metodológicas estava já ultrapassada em seus trabalhos. A análise da organização e da dinâmica dos bairros rurais é um bom exemplo da sua maneira de analisar estrutura e cultura como uma totalidade. A noção de dialética na sua obra, nas suas pesquisas esta explicitada no seu artigo “Dialética do rural e do urbano: exemplos brasileiros” no qual ela critica as análises do rural e do urbano considerados de forma independentes.

Eu me lembro, como se fosse hoje, Maria Isaura nos ensinando a analisar os dados utilizando as noções de movimento, transformação, oposição, complementaridade e totalidade. O que significava ler os dados buscando descobrir as características dinâmicas da estrutura social em relação com a multiplicidade de seus princípios de organização no quadro preciso da história.

Uma outra característica de seus trabalhos que se pode atribuir, talvez, a sua formação francesa é a amplitude de suas análises que ultrapassava constantemente as fronteiras entre as Ciências Sociais. Embora ela se situasse como socióloga, seus estudos devem muito a Antropologia, a Etnografia, a Psicologia Social e a Geografia Humana constituindo assim uma boa ilustração de que de fato a fronteira nas Ciências Sociais, como diria Bourdieu, devem mais ao “campo científico” que as ciências. Em julho deste ano sua obra será objeto de uma homenagem oficial no Encontro da ABA, Associação Brasileira de Antropologia.

Deste modo, os escritos de Maria Isaura Pereira de Queiroz, a nossa mestra, se tornaram clássicos na literatura brasileira das Ciências Sociais. Não se pode ignorá-los se quisermos compreender os fatos sociais que eles analisam. Uma bela lição para as novas gerações de pesquisadores em Ciências Sociais que desejam conhecer a sociedade brasileira, com a ajuda dos métodos e técnicas das Ciências Sociais.